



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

Maturano, Edna Maria; Ferreira Trivellato, Marlene de Cássia  
Ambiente Familiar e os Problemas do Comportamento apresentados por Crianças com Baixo  
Desempenho Escolar  
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 15, núm. 1, 2002  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18815105>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Ambiente Familiar e os Problemas do Comportamento em Crianças com Baixo Desempenho Escolar

Marlene de Cássia Trivellato Ferreira

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto

Edna Maria Marturano<sup>1 2</sup>

Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto

---

### Resumo

Comportamentos externalizantes freqüentemente se desenvolvem em contextos de adversidade ambiental. O objetivo deste estudo foi documentar essa associação em crianças com desempenho escolar pobre. Participaram meninos e meninas entre sete e 11 anos, referidos para atendimento por dificuldades escolares. De um universo de 141 crianças, foram selecionados dois grupos com base na pontuação da Escala Comportamental Infantil: G1 (crianças sem problema de comportamento,  $n= 30$ ) e G2 (crianças com problema de comportamento,  $n= 37$ ). As mães foram entrevistadas, obtendo-se informações sobre as adversidades do ambiente familiar. Os resultados indicaram que o ambiente familiar de G2 apresenta maior adversidade, incluindo problemas nas relações interpessoais, falhas parentais quanto a supervisão, monitoramento e apoio, indícios de menor investimento dos pais no desenvolvimento da criança, práticas punitivas e modelos de comportamento com dificuldades escolares aumentam a vulnerabilidade da criança para inadaptação psicossocial. Enfatiza-se a importância de incluir a família em intervenções preventivas voltadas para essa clientela.

*Palavras-chave:* Ambiente familiar; comportamentos externalizantes; desempenho escolar; criança.

### Home Environment and Behavior Problems presented by School Underachievers

### Abstract

Externalizing behaviors frequently develop in adverse environments. The aim of this study was to document this association in children presenting academic underachievement. Participants were both boys and girls, aged seven to eleven years, referred for psychological treatment by virtue of school underachievement. From a universe of 141 children, two groups were selected on the basis of scores in the Child Behavior Scale: G1 (children without behavior problems,  $n= 30$ ) and G2 (children with behavior problems,  $n= 37$ ). Mothers were interviewed to obtain data about environment resources and adversities. The results indicated that children from G2 live at homes with fewer resources and more adversities, presenting problems in interpersonal relationships, poor parent supervision, monitoring and supporting, lower parent involvement with child development, signs of lower parental investment in the child's development, punitive practices and aggressive adult models. The school difficulties raise the child's vulnerability to maladjustment. The importance of including the family in preventive interventions directed to these children is emphasized.

*Keywords:* Home environment; externalizing behaviors; school achievement; child.

---

Comportamentos marcados por hiperatividade, impulsividade, oposição, agressão, desfilio e manifestações anti-sociais são classificados como externalizantes, em oposição a padrões de comportamento internalizantes – disforia, retraimento, medo e ansiedade. Os problemas externalizantes tendem a ser mais estáveis que os

Fergusson, Lynskey & Horwood (1994). O ambiente social pobre, têm consequências negativas não apenas para as crianças que os apresentam, mas também para os pais, irmãos, professores e a comunidade. Essas crianças estão em risco de

cuidadores e seu contexto social/ecológico (Olson & cols., 2000). Nessas trocas, o ambiente familiar apresenta práticas de socialização violentas, exposição a modelos adultos agressivos, falta de afeto materno e conflitos entre os pais (Blanz, Schmidt, & Günther, 1991; Dodge, Pettit & Bates, 1994; Ramsey, Shinn, Walker & O'Neill, 1989; Shaw e Emery, 1988; Vuchinich, Bank & Patterson, 1992). Tais práticas, por sua vez, estão freqüentemente associadas a um contexto social adverso, marcado por dificuldade econômica e estressores psicossociais incidindo sobre a família (McLoyd, 1998).

Variáveis familiares podem contribuir para a persistência dos problemas da fase pré-escolar à escolar (Denham & cols., 2000) e da meninice à adolescência (Fergusson & cols., 1996). Pesquisas recentes sugerem que, embora o envolvimento do adolescente em atividades anti-sociais seja influenciado significativamente por seus relacionamentos com companheiros anti-sociais, a cadeia de eventos que conduz muitos adolescentes para grupos anti-sociais começa no lar, durante a meninice; os elos nessa cadeia incluem práticas educativas coercitivas e punitivas, que contribuem para o desenvolvimento de agressão e fracasso escolar; estes, por sua vez, levam à seleção de companheiros anti-sociais (Collins, Maccoby, Steinberg, Hetherington & Bornstein, 2000).

Crianças com desempenho escolar pobre freqüentemente apresentam problemas de comportamento externalizantes (Graminha, 1992; Hinshaw, 1992; Santos, 1990). Nos primeiros anos da escola elementar, manifestações internalizantes também são comuns (Thompson, Lampron, Johnson & Eckstein, 1990), mas prevalecem sinais de hiperatividade e impulsividade (Hinshaw, 1992). Pesquisas têm demonstrado que os problemas externalizantes comumente antecedem as dificuldades escolares e podem ser exacerbados por estas (McGee, Williams, Share, Anderson & Silva, 1986; Parreira, 1995). Quando as dificuldades interpessoais já estão presentes nessa fase, é maior o risco de persistência dos problemas (Denham e

de atendimento psicológico para crianças de saúde e nas clínicas-escola de Psicologia (Silvares, 1994; Sales, 1989; Santos 1990). Pesquisas compararam crianças cujas famílias buscaram atendimento psicológico para as dificuldades escolares com aquelas cujas famílias não buscaram, encontrando maior intensidade dos problemas de comportamento em maiores no grupo que buscou atendimento (Linhares, Loureiro & Machado, 1997). Estudos sugerem que a co-ocorrência de problemas de comportamento e baixo desempenho na escola pode ser influenciada por fatores responsáveis pela elevada demanda por atendimento de dificuldades escolares, encontrada em clínicas de psicologia e serviços de saúde mental.

Considerando que comportamentos problemáticos com componentes anti-sociais, com problemas de aprendizagem freqüentemente estão associados à adversidade, a investigação relatada neste artigo foca na identificação de crianças em risco de problemas de comportamento em crianças referidas para atendimento psicológico por razão de dificuldades no aprendizado e na tentativa de caracterizar seu ambiente de desenvolvimento. O estudo foi conduzido no pressuposto de que as dificuldades de comportamento e as condições ambientais associadas a esse comportamento nessa população clínica podem ser utilizadas para a definição de estratégias preventivas e para a capacitação do psicólogo para o atendimento da clientela escolar dos serviços de saúde mental. O objetivo específico é investigar, em crianças com problemas de desempenho escolar, a associação entre o comportamento e características do ambiente. Para alcançar o objetivo, emprega-se um estudo de comparação entre grupos constituídos pela presença ou ausência dos indicadores de problemas de comportamento.

Na seleção de variáveis ambientais, priorizam-se tanto aquelas adversas, que contribuem para o desenvolvimento de problemas de comportamento quando presentes em alto grau, como aquelas cujo efeito é atenuador. Entre as circunstâncias que se encontram as práticas parentais punitivas, bem como os conflitos familiares; e

incidem sobre a família, afetando as práticas e o envolvimento parental (transições familiares; pobreza); e aquelas que sinalizam processos transacionais, com participação ativa da criança na origem dos acontecimentos, tais como conflitos entre a criança e os pais e incidentes disciplinares na escola (Ackerman e cols., 1999; Patterson, DeBaryshe e Ramsey, 1989; Rutter, 1987).

## Método

### Participantes

Os participantes foram selecionados de uma amostra de 141 crianças de ambos os sexos, atendidas consecutivamente em uma clínica de Psicologia vinculada a um hospital universitário no período de julho de 1996 a março de 1999. Todas haviam sido encaminhadas, através

de referência do Sistema Único de Saúde, por motivo de encaminhamento ou avaliação.

Segundo critérios expostos no estudo, foram selecionados dois grupos a partir da amostra: Grupo 1 (G1)-crianças sem problema de comportamento (n=30) e Grupo 2 (G2)-crianças com problema de comportamento (n=37). A Tabela 1 apresenta um resumo dos dados quanto a sexo, idade, escolaridade da criança, dos pais e jornada de trabalho da mãe.

Os dados referentes à caracterização dos grupos foram submetidos a análise estatística. Foi utilizado o Qui-quadrado para a variável sexo e o teste t para as demais variáveis, e não houve diferença significativa entre os grupos após o teste de Fisher para o pai ( $t = 2,89; p < 0,01$ ).

Tabela 1. Dados dos Participantes do Grupo 1 (n=30) e do Grupo 2 (n=37) quanto a Sexo, Idade, Escolaridade da Criança e dos Pais e Jornada de Trabalho da Mãe

Variável		%
		Grupo 1
Sexo	masc.	63
	fem.	37
Idade	7 – 8	43
	9 – 10	43
	11	14
Série	pré-escola	3
	1ª	33
	2ª - 3ª	64
Escolaridade da mãe	analfabeta	6
	1 – 4 anos	27
	5 – 8 anos	40

### Local

A investigação foi conduzida em uma clínica-escola cuja proposta de atendimento à clientela com dificuldades escolares focaliza os recursos da criança e da família, no sentido de identificá-los e mobilizá-los para enfrentamento dos problemas em curso.

### Instrumentos, Variáveis e Medidas

Para composição dos grupos foi utilizada a Escala Comportamental Infantil A2 de Rutter (ECI), versão para pais, publicada em 1967 e adaptada por Graminha (1994), que relata uma fidedignidade teste-reteste aceitável para 97% dos itens da escala. A variável *problema de comportamento* foi operacionalizada através da combinação de dois critérios, com base nos escores da ECI: 1) escore maior que 16, caracterizando necessidade de apoio profissional na visão dos pais (Graminha & Coelho, 1994); 2) indicação de problema de conduta, correspondente à média de sete itens: “Fica mau humorado e nervoso (isto é, fica irritado, grita e perde completamente o humor)”; “Ele costuma roubar ou então pegar coisas dos outros às escondidas”; “Briga freqüentemente ou é extremamente briguento com outras crianças”; “Não é uma criança muito querida pelas outras crianças”; “Muitas vezes fala mentira”; “Maltrata as outras crianças”; “Fala palavrões, nomes feios” (Goodman, 1997; McGee e cols., 1985). Os critérios combinados para inclusão nos grupos foram:

Inclusão em G1: Crianças sem problemas de comportamento: escore total na ECI igual ou inferior a 16 e escore de *problema de conduta* situado no limite ou abaixo do percentil 25 da amostra total.

Inclusão em G2: Crianças com problemas de comportamento: escore total na ECI superior a 16 e escore de *problema de conduta* situado no limite ou acima do percentil 75 da amostra total.

Para a investigação de características do ambiente familiar foram empregados os seguintes instrumentos, descritos em detalhe por Santos (1999):

aplicações consecutivas do roteiro, com 20 dias.

*Escala de Eventos Adversos (EEA)*: É composta por 12 itens descritivos de eventos adversos ocorrido nos últimos 12 meses ou antes da criança. Atribui-se um ponto para a ocorrência atual e um ponto para a ocorrência passada. O escore em cada item pode variar de zero a dois pontos, total, de zero a 24. Um estudo de fidelidade do procedimento teste-reteste com três meses de intervalo apresentou índices de 100%, 97% e 94% de estabilidade para as aplicações feitas com 20 dias de intervalo.

*Inventário de Recursos do Ambiente Familiar (RAF)*: É composto de 14 tópicos. O número de itens que compõem cada tópico são variáveis. O escore em cada tópico é a soma dos pontos atribuídos pelo número de itens que compõem o tópico. O escore total corresponde à soma dos escores dos 14 tópicos do RAF. Através de um estudo semelhante ao utilizado para a EEA, foram obtidos índices de 100%, 99% e 92% de estabilidade para as aplicações feitas com 20 dias de intervalo (Santos, 1999). A EEA e o RAF foram desenvolvidos por Santos (1999).

As variáveis ambientais incluídas foram derivadas dos três instrumentos acima mencionados, compondo-se oito medidas de recursos familiares, de circunstâncias adversas e dois indicadores econômicos. Do RAF foram derivados sete indicadores de medidas de recursos e um indicador de circunstâncias adversas: 1) *Supervisão dos pais* (tópicos Atividades da criança não está na escola, Arranjo espaço-tempo da criança em casa, Supervisão para a escola, Atividades da criança em horário definido); 2) *Envolvimento e suporte* (Passeios, Oferta de brinquedos e jogos, Atividades promovidas pelos pais, Promotores do desenvolvimento, Atividades com os pais no lar, Pessoas a quem a criança pode pedir ajuda ou conselho); 3) *Indicador sócio-econômico* (Receita familiar, Gastos com alimentação, Gastos com

financeiro”, “Perda de emprego do pai ou da mãe”, “Mãe passou a trabalhar fora”. Os indicadores de adversidade parental incluíram: 1) *Adversidade nas relações parentais* (soma dos itens “Conflitos entre os pais”, “Separação temporária dos pais”, “Divórcio dos pais”, “Abandono do lar pelo pai ou pela mãe”, “Recasamento da mãe”, “Litúgio judicial entre os pais”); 2) *Adversidade associada a condutas parentais* (soma dos itens “Alcoolismo/drogadição parental”, “Envolvimento parental com a polícia ou a justiça”). O indicador de *outras adversidades familiares* foi obtido pela soma dos itens “Doença grave do pai ou da mãe”, “Morte do pai ou da mãe”, “Nascimento de um irmão”, “Doença grave/hospitalização de um irmão”, “Morte de um avô ou avó”, “Gravidez de irmã solteira”, “Abandono do lar por um irmão”. As medidas de adversidade incidindo diretamente sobre a criança foram: 1) *Eventos adversos na vida pessoal* (soma dos itens “Hospitalização ou enfermidade grave da criança”, “Acidente com seqüela”, “Morte de amigo”); 2) *Eventos adversos na vida escolar* (soma dos itens “Mudança de escola”, “Repetência”, “Mais de uma troca de professora no mesmo ano letivo”); 3) *Problemas nas relações interpessoais* (soma dos itens “O relacionamento com os companheiros piorou”, “A criança sofreu agressão por parte da professora”, “A criança foi suspensa da escola”).

A EEQ forneceu quatro indicadores de adversidade, correspondendo cada um à soma dos itens indicados entre parênteses: *Condições adversas pessoais da mãe* (sobrecarga de afazeres/tensões diárias, falha no suporte do cônjuge, interferência de familiares na criação dos filhos, autodepreciação, culpa); *Práticas educativas inadequadas* (ameaça, punição, superproteção, permissividade, restritividade, insegurança, discordância entre os pais); *Problemas no relacionamento pais-criança* (agressão física, agressão verbal, tratamento rude, conflitos, relacionamento distante, depreciação, indiferença/ rejeição); *Adversidade extrafamiliar* (vizinhança de risco, depreciação extrafamiliar, agressão

psicologia clínica e experiência de dez anos. Todos passaram por uma avaliação para aplicação dos instrumentos.

Os resultados obtidos na avaliação do ambiente familiar foram analisados através do teste *t* de Student em itens com formato de escala e o Teste de Intervalo de Confiança entre Proporções. Foi considerado resultado com probabilidade  $p < 0,05$ . Dada a assimetria por sexo, os testes preliminares foram conduzidos com o teste de Mann-Whitney, que recomendariam incluir esta variável.

## Resultados

A comparação entre sexos, detectou diferença em apenas cinco itens. As meninas tiveram médias mais altas em Problemas nas relações interpessoais. No grupo masculino foi maior a frequência de problemas com a escola ( $p = 0,01$ ). Considerando que são análises foram conduzidas separadamente para cada sexo.

Os resultados da análise foram fornecidos pelo Inventário de Ambiente Familiar são apresentados na Tabela 1.

Os grupos apresentaram diferenças no escore total do RAF e no escore econômico, assim como nos tópicos *passeios, atividades com pais no lar, pessoas a quem a criança ou conselho, oferta de brinquedos de desenvolvimento*. Em todas as dimensões de G1 foram maiores que as de G2 de Confiança para Diferenças. Houve diferenças significativas em alguns itens de cada tópico, indicando que as

Tabela 2. Resultados da Análise Estatística do Inventário de Recursos do Ambiente Familiar (Teste *t* de Student)

Tópico	Médias	
	G1	G2
Supervisão dos pais:		
Atividades da criança quando não está na escola	0,59	0,50
Arranjo espaço-temporal para a lição de casa	0,55	0,52
Supervisão para a escola	0,33	0,34
Atividades diárias com horário definido	0,64	0,54
Envolvimento e suporte dos pais:		
Passeios	0,52	0,38
Atividades compartilhadas com os pais no lar	0,68	0,58
Oferta de brinquedos e outros materiais promotores de desenvolvimento	0,59	0,38
Pessoas a quem a crianças recorre para pedir ajuda ou conselho	0,54	0,41
Indicador sócio-econômico		
	0,49	0,32
Escore total no RAF (média de 14 módulos)		
	6,34	5,30

a  $p < 0,05$     b  $p < 0,01$     c  $p < 0,001$ Tabela 3. Resultados da Análise Estatística da Escala de Eventos Adversos (Teste *t* de Student)

Sub-escala	Médias	
	G1	G2
Instabilidade financeira	2,03	2,35
Adversidade nas relações parentais	0,93	1,76
Adversidade associada a condutas parentais	0,57	0,70
Outras adversidades familiares	1,50	1,84
Eventos adversos na vida pessoal	0,37	1,08
Eventos adversos na vida escolar	2,07	3,19
Problemas nas relações interpessoais	0,20	1,03
Escore total na EEA	9,17	13,54

a  $p < 0,05$     b  $p < 0,01$

de adversidades presentes no ambiente familiar: G2, grupo com problemas de comportamento, apresentou mais situações de adversidade em seu ambiente familiar que G1, grupo sem problema de comportamento. Esse resultado e os dados relativos a cada classe de adversidade ambiental são apresentados na Tabela 4.

Foi encontrada diferença significativa entre os dois grupos nos indicadores de práticas educativas inadequadas e problemas no relacionamento pais-criança, onde as médias de G2 foram maiores que as de G1.

comparação entre grupos só relações de co-ocorrência, processos compatíveis com a ação ambiental mencionadas.

Em relação aos efeitos ambientais sobre o desenvolvimento (Sameroff e cols., 1993), foram consistentes de desvantagem no comportamento: os escores totais utilizados diferenciaram os grupos.

Tabela 4. Resultados da Análise Estatística dos Dados Derivados da Escala de Esclarecimento da Queixa, Referentes a Adversidades do Ambiente Familiar (Teste de T-Sne)

Classe de adversidade	Médias	
	G1	G2
Condições adversas incidindo sobre a mãe	0,50	0,73
Adversidade extrafamiliar	0,23	0,32
Práticas educativas inadequadas	0,80	1,24
Problemas no relacionamento pais-criança	0,57	1,38
Total de adversidades	5,60	8,70

a  $p < 0,05$  b  $p < 0,01$

Aplicando-se o Teste de Intervalo de Confiança para Diferenças entre Proporções, verificou-se em G2 maior incidência dos seguintes indicadores extraídos da EEQ: agressão física à criança; ameaça; relacionamento distante entre os pais e a criança; conflitos entre os pais e a criança. O item superproteção apareceu com maior incidência em G1.

## Discussão

O presente trabalho teve como objetivo documentar, em crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem, associações entre problemas de comportamento e variáveis do ambiente familiar. A pesquisa se definiu através de duas características principais. Em primeiro

sugerindo que o grupo com problemas de comportamento tem seu ambiente de desenvolvimento mais desvantajoso seja pelo menor acesso a recursos educacionais e mais circunstâncias adversas.

Os resultados relativos ao ambiente familiar mostram que essa desvantagem se manifesta em diferentes setores da vida familiar. Sobre a criança, foi detectado maior número de adversidades, com probabilidade de maior vulnerabilidade pessoal, maior frequência de hospitalizações recorrentes (Repetidas hospitalizações ou doenças graves), maior número de irmãos, maior no grupo com problemas de comportamento, sugere que estas condições de vida adversas



nas interações familiares envolvendo diretamente a criança, expressas nas oportunidades de convivência entre a criança e seus pais, no suporte para enfrentamento dos problemas cotidianos e no envolvimento dos pais em atividades facilitadoras do desenvolvimento. Na organização das rotinas domésticas as diferenças entre os grupos são menos pronunciadas, porém há sinais de que as necessidades da criança são levadas mais em conta no grupo sem problemas, onde há maior monitoração do uso do tempo livre e supervisão do estudo.

Os resultados relativos a práticas educativas, indicando maior uso de ameaça no grupo com problemas e mais proteção no grupo sem problemas de comportamento, são sintomáticos de estilos parentais distintos. Nas famílias de crianças com problemas o que sobressai são as interações negativas, provavelmente associadas às manifestações externalizantes da criança, sinalizando um estilo parental reativo. Já os pais de crianças sem problemas de comportamento parecem ter uma abordagem proativa: eles organizam e planejam mais o cotidiano das crianças, estão mais disponíveis para ajuda e se ocupam mais com providências relativas ao estudo e ao lazer, parecendo mais preocupados com a segurança dos filhos. Esse perfil tem diversos ingredientes da chamada abordagem apoiadora nos cuidados parentais, cujos efeitos benéficos sobre o ajustamento da criança foram demonstrados recentemente, tanto através de ação direta como de mecanismos protetores frente à adversidade familiar (Pettit, Bates & Dodge, 1997).

Nos resultados há indícios indiretos de processos compatíveis com o modelo transacional e multifatorial, que postula o desenvolvimento como resultante das interações entre a criança e seus cuidadores, no contexto das condições ambientais que afetam o funcionamento da família (Olson & cols., 2000). Quanto ao contexto, os grupos diferem no indicador sócio-econômico, apontando menos recursos no grupo com problemas de comportamento. Esse resultado é corroborado pelos

modelos adultos agressivos e estressores da família, ingredientes encontrados com maior frequência na presente investigação, entre as crianças com problemas de comportamento.

Os processos transacionais, presentes nas interações entre a criança e seus cuidadores, são refletidos em aqueles resultados que mostram diferenças entre os grupos em eventos e situações envolvendo a criança: relacionamento com os pais e com os amigos nas relações interpessoais. As crianças com problemas de comportamento sofrem mais agressões verbais dos pais, seu relacionamento com os pais é percebido frequentemente como distante ou envolvido com controle, e elas recebem mais suspensão na escola. Já as crianças com os companheiros também estão percebendo mais problemas.

Os resultados encontrados têm implicações para o atendimento psicológico às crianças em risco de problemas de saúde e às clínicas-escola de psicologia e de aprendizagem. A mais imediata é que, além de haver um segmento em alto risco para distúrbios de conduta na adolescência, por apresentar problemas de comportamento com componentes anti-sociais, em ambientes de risco por adversidade múltipla. Em uma perspectiva desenvolvimentista, a trajetória de desenvolvimento de muitos desses indivíduos já inclui fatores de risco intermediária, mecanismos de vulnerabilidade como fracasso escolar, problemas nas relações com os pais, falhas parentais na supervisão, no monitoramento, no suporte, investimento pobre dos pais no desenvolvimento da criança, práticas punitivas e modelos de interação. Em uma perspectiva ecológica, todos os níveis de interação interpessoais significativos para seu desenvolvimento parecem afetados: o lar, a escola e o grupo de pares.

Assim, o atendimento a essas crianças deve ser circunscrito às questões escolares. Como recomendado na literatura sobre prevenção de problemas de conduta (Conduct Problems Prevention Research Group, 2000), há necessidade de implementar intervenções que atuem em múltiplos níveis de interação.

- Blanz, B., Schmidt, M. H. & Günther, E. (1991). Familial adversities and child psychiatric disorders. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 32, 939-950.
- Collins, W. A., Maccoby, E. E., Steinberg, L., Hetherington, E. M. & Bornstein, M. H. (2000). Contemporary research on parenting: The case for nature and nurture. *American Psychologist*, 55, 218-232.
- Conduct Problems Prevention Research Group (2000). Merging universal and indicated prevention programs: The Fast Track Model. *Addictive Behaviors*, 25, 913-927.
- Conger, R. D., Conger, K. J., Elder Jr., G. H., Lorenz, F. O., Simons, R. L. & Whitbeck, L. B. (1992). A family process model of economic hardship and adjustment of early adolescent boys. *Child Development*, 63, 526-541.
- Denham, S. A., Workman, E., Cole, P. M., Weissbrod, D., Kendziora, W. T. & Zahn-Waxler, C. (2000). Prediction of externalizing behavior problems from early to middle childhood: The role of parental socialization and emotion expression. *Development and Psychopathology*, 12, 23-45.
- Dodge, D. M., Pettit, G. S. & Bates, J. E. (1994). Socialization mediators of the relation between socioeconomic status and child conduct problems. *Child Development*, 65, 649-665.
- Esser, G., Schmidt, M. H. & Woerner, W. (1990). Epidemiology and course of psychiatric disorders in school-age children: Results of a longitudinal study. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 31, 243-263.
- Fergusson, D. M., Lynskey, M. T. & Horwood, L. J. (1996). Factors associated with continuity and changes in disruptive behavior patterns between childhood and adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 24, 533-553.
- Gest, S. D., Neemann, J., Hubbard, J. J., Masten, A. S. & Tellegen, A. (1993). Parenting quality, adversity, and conduct problems in adolescence: Testing process-oriented models of resilience. *Development and Psychopathology*, 5, 663-682.
- Goodman, R. (1997). The strengths and difficulties questionnaire: A research note. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 38, 581-586.
- Graminha, S. S. V. (1992). Problemas emocionais/comportamentais e nível de escolaridade da criança [Resumo]. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), *Comunicações Científicas da XXII Reunião Anual de Psicologia* (p. 22). Ribeirão Preto, SP: SBP.
- Graminha, S. S. V. (1994). A Escala Comportamental Infantil de Rutter A2: Estudos de adaptação e fidedignidade. *Estudos de Psicologia*, 11, 34-42.
- Graminha, S. S. V. & Coelho, W. F. (1994). Problemas emocionais/comportamentais em crianças que necessitam ou não de atendimento psicológico ou psiquiátrico [Resumo]. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), *Comunicações Científicas da XXIV Reunião Anual de Psicologia* (p. 263). Ribeirão Preto, SP: SBP.
- Hinshaw, S. P. (1992). Externalizing behavior problems and academic underachievement in childhood and adolescence: causal relationships and underlying mechanisms. *Psychological Bulletin*, 111, 127-155.
- Institute of Medicine (Org) (1994). *Reducing risks for mental disorders: frontiers*
- McGee, R., Williams, S., Bradshaw, J., Ch
- (1985). The Rutter Scale completed
- and relationships with cognitive a
- sample of New Zealand children
- Psychiatry*, 26, 727-739.
- McGee, R., Williams, S., Share, D. L., A
- The relationship between specific
- backwardness and behavioural prob
- boys: A longitudinal study from fi
- Psychology and Psychiatry*, 27, 597-61
- McLoyd, V. C. (1998). Socioeconomic c
- American Psychologist*, 53, 185-204.
- Olson, S. L., Bates, J. E., Sandy, J. M. &
- mental precursors of externalizing
- and adolescence. *Journal of Abnorm*
- Parreira, V. L. C. (1995). *Problemas de con*
- de aprendizagem escolar, segundo o relata*
- não-publicada, Curso de Pós
- Universidade de São Paulo, Ribeir
- Patterson, G. R., DeBaryshe, B. D. & R
- perspective on antisocial behavior.
- Pettit, G. S., Bates, J. E. & Dodge, K. A
- logical context, and children's adju
- study. *Child Development*, 68, 908-923
- Ramsey, E., Shinn, M., Walker, H. M. &
- nagement practices and school adju
- 513-525.
- Rutter, M. (1977). Separation, loss and
- & L. Hersov (Orgs.), *Child psychiatry: i*
- Blackwell.
- Rutter, M. (1987). Psychosocial resilie
- American Journal of Orthopsychiatry*, 5
- Sales, J. R. (1989). Estudo sobre a cl
- Varginha. *Psicologia: Ciência e Profiss*
- Sameroff, A. J., Sameroff, R., Baldwin, A
- intelligence from preschool to ad
- and family risk factors. *Child Develop*
- Santos, L. C. (1999). *Crianças com dificulda*
- Dissertação de Mestrado não-pu
- em Saúde Mental, Universidade de
- Santos, M. A. (1990). Caracterização da
- da Prefeitura de São Paulo. *Arquivo*
- Shaw, D. S. & Emery, R. E. (1988). Chro
- children's adjustment. *Journal of t*
- Psychiatry*, 27, 200-206.
- Soares, N. E. & Fernandes, L. M. (1989)
- mico-cultural. *Arquivos Brasileiros de*
- Stormshak, E. A., Bierman, K. L., Mc

Sobre as autoras

**Marlene de Cássia Trivellato Ferreira** é Psicóloga, Doutoranda em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (USP).

**Edna Maria Marturano** é Psicóloga, Professora Titular do Departamento de Neurologia, Psiquiatria e Psicologia Médica da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP). Livre-docente em Psicologia pela USP. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Saúde Mental, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP). Pesquisadora do CNPq.